

CONTINUIDADE CONCEITUAL ENTRE WILLIAM DWIGHT WHITNEY E LEONARD BLOOMFIELD

CONCEPTUAL CONTINUITY BETWEEN WILLIAM DWIGHT WHITNEY AND LEONARD BLOOMFIELD

Helda Núbia Rosa¹
Mestra em Estudos Linguísticos
Secretaria de Estado de Educação de Goiás
(heldanrosa28@gmail.com)

RESUMO: O texto tratará sobre os conceitos de língua, fala, comunidade de fala, dispostos em dois dos mais importantes linguistas norte-americanos dos séculos XIX e XX. William D. Whitney (1827-1894) e Leonard Bloomfield (1887-1949) podem ser considerados os fundadores da linguística estadunidense que se opunha à linguística eurocentrada que vigorava na época. Tanto um quanto outro foram estudantes de língua na Europa, desenvolveram trabalhos bastante relevantes e, para tanto, criaram os próprios métodos de análise a partir de elementos vivos como a sociedade/comunidade de fala e não da língua estática dos livros e manuais. Ambos queriam investigar a língua falada pelo indivíduo possibilitando a compreensão do que a língua, a fala e a sociedade/comunidade representavam enquanto transmissores de conhecimento e imitadores do modo dos falantes mais velhos e com mais experiência propiciando a formação de dialetos e grupos particulares que se valiam de uma espécie de língua própria como se verá. A metodologia usada neste trabalho é a Historiografia Linguística que, segundo Altman (1998), fundamenta-se em descrever e explicar como os conceitos se desenvolveram num recorte temporal, social e cultural para que se construa um quadro de reflexão a partir do que o historiógrafo conseguiu apreender. Deve-se, portanto, reconhecer o que é ruptura e continuidade nos trabalhos dos dois linguistas norte-americanos: William D. Whitney e Leonard Bloomfield.

Palavras-chave: Língua. Fala. Falante. Comunidade de fala ou Sociedade.

ABSTRACT: This paper deals with the concepts of language, speech, and speech community that are arranged by two of the most important North American linguists of the 19th and 20th centuries. William D. Whitney (1827-1894) and Leonard Bloomfield (1887-1949) can be considered the founders of American linguistics which opposed the Eurocentric linguistics that prevailed at the time. Both of them were language students in Europe, developed very relevant works and, for that, created their own methods of analysis based on living elements such as the speaking society/community and not the static language of books and manuals. Both of them wanted to investigate the language spoken by the individual, making it possible to understand what the language, speech and society/community represented as transmitters of knowledge and imitators in the way of older and more experienced speakers, providing the formation of particular dialects and groups that they were worth a kind of their own language as it will be seen. The methodology used in this paper is the Linguistic Historiography, which, according to Altman (1998), is based on describing and explaining how the concepts developed in a temporal, social and cultural frame so that a framework of reflection is built from what the historiographer managed to apprehend. Therefore, it is necessary to recognize what rupture and continuity is in the works of the two North American linguists: William D. Whitney and Leonard Bloomfield.

Keywords: Language. Speech. Speaker. Speech community or Society.

¹ Doutoranda em Estudos Linguísticos do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás, subárea Historiografia Linguística. Agência de fomento: CAPES. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9491-8423>.

Introdução

William Dwight Whitney, filólogo e sancritista estadunidense, estudou a aquisição de língua materna e estrangeira a partir de dados coletados em sua própria sala de aula. Ele era professor primário e, por isso, tinha condições de usar o ambiente escolar como fonte de pesquisas e seus alunos, ainda crianças, eram observados e analisados com a finalidade de compreender como a língua se realiza na sociedade.

A língua é um dispositivo social compartilhado entre os membros da sociedade a que pertence porque “[...] nos é ensinada por aqueles que nos cercam, e essa resposta, dada pela evidência do senso comum, é também a resposta que a ciência nos fornece pela análise e pelo estudo”, de acordo com Whitney (2010, p. 22). Sendo assim, a criança aprenderá com seus pais inclusive os vícios de linguagem.

Na esteira dos pensamentos de Whitney esteve Leonard Bloomfield (1887-1949), linguista e antropólogo norte-americano, dedicado às aulas que ministrava nas universidades americanas, às pesquisas nas tribos indígenas, e também à descrição linguística em geral. A partir da observação empírica da comunidade de fala, conseguiu organizar seu trabalho com o fim de transmitir às novas gerações de linguistas um método eficiente de análise da língua.

Ele fez algumas constatações no que se refere à observação do indivíduo inserido na comunidade de fala a qual pertence desde o seu nascimento. Todas essas descobertas foram amplamente discutidas em duas de suas principais obras *An Introduction to the Study of Language* (1914) e *Language* (1933), as quais serviram como fonte para a Linguística Moderna que se iniciou no século XX, além do mais, alicerçaram o estruturalismo norte-americano.

Por intermédio do filólogo e sancritista, Maurice Bloomfield (1855-1928), Leonard Bloomfield conheceu Whitney. Maurice era tio de Leonard e contava-lhe sobre sua experiência como aluno de Whitney na Universidade de Yale. Em função disto, Bloomfield teve como fonte as obras whitinianas. De acordo com Bloomfield (1933, p. 16), “William Dwight Whitney (1827-1894) [...] escreveu *Language and the study of language* (1867) e *The life and growth of language* (1874) [...] hoje eles parecem incompletos, mas não antiquados e ainda servem como excelente introdução

ao estudo da língua”². Não era uma questão de estar incompleta a obra de Whitney, a linguística evoluiu muito após sua morte, não sem, contudo, valorar o legado deixado por ele.

Bloomfield ocupou-se em preencher as lacunas deixadas por Whitney. Em virtude disto, os temas e os exemplos em um são recorrentes no outro. Os trabalhos de ambos têm valor para a concepção da linguística na América do Norte. Ambos trabalharam a partir da empiria e dos eventos práticos da fala, ou seja, se complementam. De mais a mais, o que se trata aqui são os conceitos semelhantes entre os dois.

Bloomfield e Whitney compreendiam que o falante está sob a influência exercida pelas leis da comunidade de fala. A característica social da língua obriga a comunidade de fala a congregar todos os falantes que possuam características fonológicas similares que se configurarão na fala. Whitney (2010) disse que somados o conhecimento e o pensamento do indivíduo falante, tem-se a forma interna da língua e ao mesmo tempo está sendo moldada a forma exterior dela. O indivíduo colabora o tempo todo com a evolução da língua, embora não seja ele quem a modifica, cabendo essa atribuição ao que Whitney chama de sociedade.

Bloomfield (1933) não usa a palavra sociedade, mas comunidade de fala que é o ambiente em que uma língua específica se desenvolve e cria contextos próprios e particulares para a sua realização. Se comunidade de fala ou sociedade, tanto faz porque apesar da diferença na nomenclatura, eles se referem ao mesmo contexto. É o lugar onde a fala se realiza de modo particularizante e formata a língua.

Posto isto, a metodologia utilizada para a confecção do texto é a Historiografia Linguística, portanto pretende-se verificar a ruptura e a continuidade do que se refere aos conceitos de fala, língua, falante e sociedade/comunidade de fala em Willian D. Whitney e Leonard Bloomfield.

Os falantes imitam a comunidade de fala

O falante é o mais importante instrumento da comunidade de fala. Ele usa a língua apenas com fins práticos sem pensar em como ela chegou até o estágio

² “William Dwight Whitney (1827-1894) [...] wrote *Language and the Study of Language*(1867) and *The Life and Growth of Language* (1874) [...] today they seem incomplete, but scarcely antiquated, and still serve as an excellent introduction to language study” (BLOOMFIELD, 1933, p. 16).

evolutivo atual. Não há preocupação do falante com relação à história da língua, a evolução do pensamento da comunidade, o que importa é o momento em que ele fala e se consegue se comunicar com os demais membros da comunidade.

A comunidade de fala, para Bloomfield, ou sociedade, para Whitney, é o lugar onde se realiza a fala fazendo exercícios contínuos para perpetuar a língua. Enquanto a última é social e quase imutável, a primeira é totalmente individual, despojada, de formato impreciso, pois é o falante quem a organiza a seu modo, mas não sem que o conjunto todo esteja preparado para as modificações.

A fala é espontânea e deixa o falante livre para fazer suas escolhas linguísticas e transmiti-las do melhor modo possível. O falante aprende a língua de sua comunidade desde seus primeiros dias de vida, como apontam algumas teorias recentes, antes mesmo de nascer. A criança desde a mais tenra idade vai, aos poucos, adquirindo a língua de seus antepassados por meio da convivência internamente constituída na comunidade/sociedade.

O fato de a criança estar exposta à língua faz com que sua mente seja educada para produção de determinados fonemas, os quais são realizados especificamente pela comunidade da qual ele faz parte. Segundo Bloomfield (1914), a criança passa por processos de aquisição de língua até que a domine. São formas de reflexos hereditários como um sorriso, por exemplo, que evolui para a imitação dos sons reproduzidos pelos adultos, assim a criança repete, nunca de forma consciente, e da mesma forma vai aprendendo a reconhecer afixos, desinências, significados.

“A associação da criança aos sons que ouve com determinadas experiências se deve, é claro, ao fato de que os adultos estão constantemente produzindo os sons em conexão e nos objetos e ações adequados”³, conforme aponta Bloomfield (1914, p. 12). A aquisição linguística é uma constante que persiste por todo o tempo de vida da comunidade de fala, nunca cessa, sempre acontece do mesmo modo, servindo como maneira de conservação linguística.

Para Whitney (1884), a criança procura imitar os mais velhos a fim de aprender a língua. Caso os pais e a criança possuam línguas distintas, a criança terá a opção de aprender a língua dos pais adotivos e abandonar sua própria língua ou

³ “The child’s associating the sounds it hears with certain experiences is due, of course, to the fact that grow-ups are constantly producing the sounds in conexão, and in the proper objects and actions” (BLOOMFIELD, 1914, p. 12).

continuar com as duas. A língua serve como uma forma de comunicação, por isso é necessário que o indivíduo tome uma atitude com a finalidade de se manter conectado ao grupo ao qual pertence.

A partir de então, são criados os hábitos de fala que coadunam com a aquisição da língua, concomitantemente as crianças aprendem a língua materna, adquirem também os hábitos de fala dos falantes mais velhos da comunidade de fala. Assim, vai se formando a identidade da comunidade e do falante, concomitantemente, a qual nunca será perdida por mais esforço que o falante possa fazer para esse fim, em qualquer lugar que ele esteja será reconhecido como membro da comunidade a qual pertence desde que nasceu.

Os membros da comunidade aprendem a língua por meio de imitação e cópia, conforme aponta o comportamentalismo adotado por Bloomfield (1914) para interpretar esses dados linguísticos. Isto significa que a comunidade cria hábitos linguísticos que são imitados por seus membros durante toda a vida. Pode ser que os hábitos não sejam os mesmos em todo o contexto evolutivo da língua daquela comunidade, mas ainda assim eles serão uma característica da identidade linguística da comunidade de fala.

Os hábitos foram estudados por Bloomfield sob o viés da psicologia comportamentalista sendo resultado da interação entre os indivíduos na comunidade de fala. A comunidade ou a sociedade, devido ao empirismo aplicado nas pesquisas, não afeta o falante tornando-o um ser submetido às pressões sociais. Os hábitos se configuram pelo simulacro do espaço em que os falantes estão inseridos.

Para Whitney e Bloomfield, o que de fato unifica a comunidade/sociedade e modifica o falante é o “[...] conjunto de sensações, hábitos e fatos históricos [...]”, que de acordo com Milani (2012, p. 23) formam a cultura e a força que subjaz a comunidade de fala fortalecida pela língua. Tudo o que pertence ao universo do falante está contemplado na língua.

Não só cada pessoa tem esse serviço como as habilidades de muitas outras pessoas, mas essa cooperação é muito precisa. A extensão e precisão desse trabalho em conjunto é a medida do sucesso de nossa organização social. O termo sociedade ou organização social não é uma metáfora. Um grupo social humano é realmente uma unidade de ordem superior a um animal único⁴ (BLOOMFIELD, 1933, p. 28).

⁴ Not only does each person have this service as the skills of many other people, but this cooperation is very accurate. The extent and precision of this work together is the measure of the success of our social

Da mesma forma que um corpo funciona bem, se todas as partes estiverem em perfeitas condições, assim também é a língua, se a comunidade de fala e seus membros estiverem em sintonia. É um trabalho em conjunto, como disse Bloomfield, o qual possibilitará a criação de um discurso que harmonize as partes desse grupo social humano mesmo que se trate apenas de uma abstração. Partindo do pressuposto de que a comunidade de fala é conscienciosa da coerência discursiva dos falantes, torna-se compreensível a afirmação de que estejam subordinados às orientações da língua.

Whitney (1908, p. 22) coaduna com a ideia de que “[...] a mente [...] foi levada a ver as coisas dessa maneira particular, a agrupá-las de certa maneira, a contemplá-las conscientemente nessas e naquelas relações”⁵, uma vez que o indivíduo é condicionado a enxergar o mundo pelo viés da comunidade à qual pertence, nunca mais terá outra realidade a não ser a prevista por sua própria comunidade. Se um indivíduo é isolado da comunidade por um motivo qualquer, privado da interação social, em decorrência disto, não terá uma língua. Sendo assim, para a comunidade, esse indivíduo, linguisticamente constituído, não existe.

Quando os indivíduos formam novas famílias, geralmente o fazem com alguém que pertença à mesma comunidade de fala, desse modo não haverá maiores problemas na aceitação de um ou outro no grupo e os filhos falarão a mesma língua que os pais. Caso ocorra o contrário e uma das partes do casal for de outra comunidade linguística, alguém terá que ceder e se esforçar para pertencer à comunidade do outro. Isto aconteceu com os escravos brasileiros e também com os indígenas, não há outro meio porque a “comunidade de fala é sempre um grupo inato”, de acordo com Bloomfield (1933, p. 43)⁶.

A língua é a melhor parte de nossas vidas, visto que afasta o indivíduo daquilo que o animaliza, inserindo-o no mundo cultural. Bloomfield enfatizou, ao escrever *An Introduction to the Study of Language* (1914), que as experiências emocionais e perceptivas do indivíduo adulto são associadas e imitadas pelas crianças confirmando

organization. The term society or social organization is not a metaphor. A human social group is really a unit of order higher than a single animal (BLOOMFIELD, 1933, page 28).

⁵ “that the mind which was capable of doing otherwise has been led to view things in this particular way, to group them in a certain manner, to contemplate them consciously in these and those relations” (WHITNEY, 1908, p. 22).

⁶ “[...] a speech-community is always something of an inbred group [...]” (BLOOMFIELD, 1933, p. 43).

a força de uma comunidade linguística. Os adultos estão sempre aptos a orientar e corrigir nesse processo de ensino-aprendizagem diária.

O discurso perpetua a língua e o modo de comunicação realizada por uma comunidade de fala específica. Por meio dele, o indivíduo se torna o sujeito discursivo com implicaturas sociais capazes de determinar o tipo de enunciado que se pode inferir. Nunca outro modo de pensar, outros hábitos linguísticos e outra cultura poderão ser absorvidos por uma comunidade de fala sem que ela possa modificá-los e aproximá-los daquilo que o povo entende como a identidade da comunidade.

Por isso, quando alguém, em condições de subjugo ou por opção, tem que assumir a língua do outro, assume também a cultura e tudo mais que isso possa implicar. Todos os membros de uma mesma comunidade deverão ser capazes de compreender as situações em que o discurso é realizado, bem como reconhecer os significados dos sons próprios dessa língua específica. Desse modo, todas as crianças nascerão com os hábitos discursivos da comunidade a qual pertencerá.

As características culturais de um povo implicam no modo de agir diante da língua. Os gestos, a entonação, os sons articulados modelam a comunidade de fala, por isso não são só os traços fonéticos evidentes e facilmente identificáveis na constituição da identidade linguística que importam. Numa linha de sucessão do pensamento linguístico entre Whitney, Sapir e Bloomfield, encontram-se muitas similaridades no que se referem à língua e à fala.

O indivíduo usa a fala como instrumento do pensamento porque ela assume um caráter social e cultural constituído pelo hábito. A língua também está vinculada à cultura e aos hábitos e figura como parte mais importante da comunidade. O indivíduo, nesse contexto, cumpre transmitir a língua aos mais jovens que, copistas no modo de ser, pensar e falar, dão continuidade ao processo comunicativo.

Bloomfield (1914, p. 4), atesta que “[...] uma criança, vendo outro filho chorar, entra imediatamente sobre o estado de angústia associado a essa expressão e, conseqüentemente, chora de simpatia [...]”⁷. Chora porque este ato ainda faz parte do sensível, que diz respeito à forma como os animais respondem aos estímulos. Todavia à medida que cresce, as ações imitativas vão desaparecendo, a subalternização a elementos da percepção os aproxima da comunidade de fala.

⁷ "Thus a child, seeing another child weep, enters at once upon the state of anguish associated with this expression, and consequently weeps in sympathy [...]" (BLOOMFIELD, 1914, p. 4).

O linguista em questão preocupa-se em descrever e analisar a comunidade bem como faz para adquirir e preservar a língua e sua forma discursiva. Procura compreender como se valida a comunidade de fala, visto que estabelecerá quais tipos de sons particulares serão produzidos para determinar a gama de experiência reconhecida. Essa parte faz referência à separação social e econômica que influi no modo de realização da língua de indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade linguística.

A união de todos os indivíduos funciona constituindo a comunidade de fala, que se torna uma espécie de trabalho em grupo em que cada um tem sua função bem definida e cabe a cada indivíduo realizá-la a contento, o que ocasionará na coesão do grupo, na formação da comunidade de fala e, conseqüentemente, convergirá para um ponto comum: a língua. As implicaturas das atividades humanas realizadas dentro desse grupo social distinto, só poderão ser percebidas e analisadas por meio do discurso.

Uma comunidade linguística se institui porque sempre haverá uma estrutura como suporte. Tanto para Whitney quanto para Bloomfield, essa estrutura é a língua emergida pela enunciação da comunidade de fala. Bloomfield quando descreve essas questões está preocupado com a união dos indivíduos num mesmo coletivo, num mesmo espírito nacional.

Uma comunidade de fala é um grupo de pessoas que interagem por meio do discurso [...]. Todas as chamadas atividades especificamente humanas provenientes do ajuste próximo, por sua vez, são baseadas na língua; a comunidade de fala, portanto, é o grupo social mais importante (BLOOMFIELD, 1933, p. 42)⁸.

Portanto, a comunidade de fala é tão importante que, por meio dela, outras organizações como as culturais, políticas, econômicas são possíveis. Justifica-se essa afirmação pelo fato de que há, imbuído no espírito do povo, uma língua que forma a estrutura profunda do pensamento coletivo e emerge manifestando-se no discurso de onde se verifica a face do sujeito que constitui uma comunidade

⁸ “A speech-community is a group of people who interact by means of speech [...] All the so-called higher activities of man – our specifically human activities – spring from the close adjustment, in turn, is based upon language; the speech-community, therefore, is the most importante kind of social group” (BLOOMFIELD, 1933, p. 42).

específica. Se não pela língua, seria impossível estabelecer um ato comunicativo tão profícuo e específico como o do ser humano.

As instituições humanas tendem a modificar a língua e transmiti-la por meio da tradição, contudo, até mesmo a tradição pode ser alterada em algum momento porque, segundo Whitney (2010), ela é imperfeita e inexata. Os falantes tendem a modificá-la assim que surge a necessidade de fazê-la, as crianças cometem erros tentando aprender a língua de seus antepassados e tais “erros” estão previstos na estrutura da língua.

Todo ato comunicativo está sustido pelos hábitos linguísticos sociais, reforçando a hipótese de que para cada comunidade há uma língua específica. Além disso, as subdivisões, os subgrupos da coletividade podem ser categorizados como mais formal, onde geralmente a língua da classe dominante é válida para a escrita, e menos formal, a língua dos demais não tem nenhum prestígio social.

Bloomfield não foi, por certo, um dialetologista, como disse Moulton (1987 in FOUGHT, 1999, p. 167), “não é costume pensar em Bloomfield como um dialetologista, e ele certamente não era um no sentido de estudioso que publicou muito sobre dialetologia”⁹. Ainda assim, esmerou-se para traçar as diferenças dos subgrupos linguísticos de uma comunidade e estabelecer as disparidades entre o que era individual e social.

Acreditamos que as diferenças na densidade de comunicação dentro de uma comunidade de fala não são apenas pessoais e individuais, mas que a comunidade é dividida em vários sistemas de subgrupos, de tal forma que as pessoas dentro de um subgrupo falam muito mais entre si para pessoas fora de seu subgrupo. Visualizando o sistema de setas como uma rede, podemos dizer que esses subgrupos são separados por linhas de fraqueza nessa rede de comunicação oral (BLOOMFIELD, 1933, p. 47)¹⁰.

A linguística proposta por Bloomfield previa a descrição da língua na comunidade e seu estudo empírico como um recorte desse momento. Ele estudou várias línguas de povos diferentes e percebeu, por meio do ato comunicativo, que

⁹ “It is not customary to think of Bloomfield as a dialectologist, and he certainly was not one in the sense of scholar who published a great deal on dialectology” (MOULTON, 1897, *In* FOUGHT, 1999, p. 167).

¹⁰ “We believe that the differences in density of communication within a speech-community are not only personal and individual, but that the community is divided into various systems of sub-groups such that the persons within a sub-group speak much more to each other than to persons outside their sub-group. Viewing the system of arrows as a network, we may say that these sub-groups are separated by lines of weakness in this net of oral communication (BLOOMFIELD, 1933, p. 47).

cada um desses idiomas se realiza de forma diferente na prática. Os sons produzidos pelas diversas comunidades nunca serão iguais, assim como serão diferentes os elementos não linguísticos que constituem a fala.

A concepção de sociedade e comunidade de fala para Whitney e Bloomfield

Tendo como sustentáculo o behaviorismo, Bloomfield investigou a recepção da língua no grupo social considerado o mais importante: a comunidade de fala. Para ele, sociedade e comunidade são distintas. Por sociedade entende-se que seja o ajuste dos indivíduos às atividades humanas como ir para escola, frequentar uma igreja ou pagar impostos. O homem é um ser social, nasce assim: primeiro passa por uma família, pela escola, pela convivência entre as pessoas da vizinhança, até chegar à sociedade política, uma associação norteada pela razão.

A sociedade é o fim a que se destina o indivíduo e o torna pleno, é nela que ele encontra a completude com relação ao que é. Consoante Silveira (2001, p. 10), para Aristóteles, “indivíduo e sociedade são dialeticamente relacionados” e entre esses dois polos a língua serve como mediadora do conhecimento do indivíduo para que esse se aproprie de fato de tudo o que a sociedade possa transmitir-lhe. A sociedade passa a ser um organismo vivo que assume para si responsabilidades sobre a organização da vida desses indivíduos e nada seria possível senão pela língua.

A estrutura social condiciona o indivíduo às propostas culturais, artísticas e científicas por meio da língua que o molda e, por consequência, a sociedade inteira. A língua não existe fora do contexto social como já foi dito por Humboldt (1999), Whitney (2010) e, aquiescendo com todos eles, Bloomfield (1933, p. 42) quando acrescenta que “outras fases de coesão social, tais como agrupamentos econômicos, políticos ou culturais, têm alguma relação com o agrupamento pelas comunidades de fala, mas geralmente não coincidem com ele”¹¹.

Whitney (2010) trata sociedade no mesmo sentido que Bloomfield (1933) aborda o termo comunidade de fala, termo inovador para o início do século XX porque Bloomfield foi o primeiro a utilizá-lo. A comunidade de fala é onde o menor ruído

¹¹ “Other phases of social cohesion, such as economic, political, or cultural groupings, bear some relation to the grouping by speech-communities, but do not usually coincide with it [...]” (BLOOMFIELD, 1933, p. 42).

produzido por uma criança pode ser entendido por aqueles que estão mais próximos dela posto que “[...] não precisam ser sons de fala usados em sua comunidade, e não são mais inteligíveis em sua comunidade de fala do que em qualquer outro [...]”¹², de acordo com Bloomfield (1914, p. 73). Mesmo um grito inarticulado, vindo dos reflexos mais primitivos, pode transmitir uma experiência humana e, como resultado, significar, enunciar, estabelecer comunicação.

A relação entre os indivíduos e a comunidade de fala é tão estreita que qualquer tentativa de expressão de algum sentimento pode ser identificada pelo todo como sendo de alegria, medo, dor, pois as experiências anteriores poderão conferir ao grupo essa habilidade. Conforme Bloomfield (1914, p. 75), “[...] no enunciado de uma interjeição há, assim, ao lado do mero reflexo vocal, outro elemento: a experiência é vivida como semelhante a certas experiências anteriores, e é acompanhada pelos mesmos enunciados vocais que eram essas experiências anteriores”. Cabe pensar no quão importante é a língua e também nas intenções, hábitos, experiências que a circundam porque fala-se até sem que haja de fato palavras.

As experiências de Bloomfield levam a considerar que um grupo de pessoas se assemelha e forma um fenômeno estudado pela linguística descritiva. O hábito investigado pode ser apenas de um indivíduo ou de uma comunidade. Se for a primeira condição, esse hábito para fazer parte da língua deverá ser consentido por todo o grupo, este, por sua vez, manterá seguramente guardadas as regras que fazem a língua. É assim que se formam os dialetos, variações linguísticas, ocorridas em determinada comunidade de fala, que se mantém uniformes por determinado espaço de tempo mesmo que alguns de seus membros possam ser modificados, segundo Harris (1969).

Mas para caracterizar as similaridades entre sociedade e comunidade de fala, seria necessário encontrar características que delimitassem uma e outra. Whitney e Bloomfield nomeiam-nas de forma diferente, embora a teoria seja a mesma, então, cabe estabelecer as igualdades entre elas para confirmar o que está posto. A fim de concluir que uma comunidade é uma, linguisticamente diferente de outras, que é preciso atribuir limites que, por sua vez, são delimitados pela variação que a língua

¹² “[...] its sounds need not be speech sounds used in his community, and it is no more intelligible in his speech-community than in any other: even an animal may utter its like” (BLOOMFIELD, 1914, p. 73).

sofre de uma comunidade para outra e não necessariamente de uma região geográfica em si.

Para tal, o que tanto Whitney quanto Bloomfield chama de dialeto é o que molda a comunidade de fala. Ressalta-se que o termo não está atualizado, pois outros estudos, além daqueles realizados pelos dois, foram aos poucos constituindo a sociolinguística e aprimorando o campo. O dialeto une a comunidade que o representa, sendo para ela motivo de orgulho, já que é nessa variante que aqueles indivíduos se reconhecem.

O estudo dialetal acontece desde os estoicos que empiricamente reconheciam que a língua merecia uma atenção a mais. Sendo assim, os dialetos foram sendo formados, causando curiosidade por parte dos linguistas que se desdobraram para compreender melhor como os hábitos linguísticos de uma comunidade a tornavam diferentes de outra.

A língua padrão se opõe ao dialeto e, de acordo com Bloomfield (1933, p. 50), “se o grupo especial está em desacordo com o resto da comunidade, ele pode usar suas peculiaridades de fala como um dialeto secreto, como fazem os ciganos de língua inglesa”¹³. Um grupo de indivíduos pode não se identificar com o grupo maior, por preconceito ou por não concordarem que todos saibam do que tratam em suas conversas, daí criam um dialeto específico.

Procurava-se compreender como a transmissão e preservação da língua ocorriam, o que, conforme Whitney (1884, p. 84), “[...] vimos que é o trabalho da tradição; que cada geração passa adiante até a geração seguinte, com a fidelidade que a natureza do caso permitir, o estoque de palavras, frases e construções que constituem a substância de uma língua falada”¹⁴. O indivíduo recebe a língua pela tradição e se incumbe de modificá-la ao longo do tempo, contudo sua interferência é ínfima, uma vez que essa contribuição individual passa pelo crivo da sociedade, cada palavra precisa de um tempo para ser aceita ou não pelo todo. Somente o indivíduo pode continuar a tradição, assim como só ele também pode transformá-la mediante aprovação social, daí surgem os dialetos, como disse Whitney (2010).

¹³ “If the special group is at odds with the rest of the community, it may use its peculiarities of speech as a secret dialect, as do the English-speaking Gipsies” (BLOOMFIELD, 1933, p. 50).

¹⁴ “And we saw that it is the work of tradition; that each generation passes along to the generation succeeding, with such faithfulness as the nature of the case permits, the store of words, phrases, and constructions which constitute the substance of a spoken tongue” (WHITNEY, 1884, p. 84).

É evidente que estamos, todos nós, contribuindo, durante todas as nossas vidas, para a mudança de nossa linguagem, mas nem nós, de qualquer consciência direta do processo, sabemos disso, nem poderíamos, embora nossas vidas estivessem em jogo, dizer como ou em que aspectos estamos alterando a linguagem que aprendemos com nossos pais. Dizer tudo isso é, naturalmente, apenas repetir que os fatos da língua são fatos sociais, não da psicologia individual. Poderíamos definitivamente marcar o falante que primeiro falou uma dada inovação [...] ¹⁵ (BLOOMFIELD, 1914, p. 198-199).

É por isso, que ao se observar a língua num dado recorte temporal, é possível verificar palavras ou expressões que já não fazem sentido na fala, também expressões em uso que nunca antes haviam sido pronunciadas e que pode ser que faça parte da compreensão de uma pequena parcela da população, como os adolescentes. São palavras que Whitney (2010) nomeia como de transição, aquelas que são faladas por um tempo e logo estão em desuso, muito comuns nas músicas brasileiras populares atualmente, formas de falar que estão em vigor, mas podem não estar mais daqui um tempo. Isto ocorre em todas as línguas, em qualquer comunidade de fala. São, de acordo com Bloomfield (1933), os estágios sucessivos de toda e qualquer língua viva que vão se configurando a partir das dialeções geográficas. Qualquer membro da comunidade sabe diferir sua língua das demais regiões vizinhas, porque vão se modificando de tal maneira, acumulando diferenças até que as pessoas não possam mais se entender e nunca há uma demarcação física entre uma e outra comunidade.

Caso o falante esteja em contato com uma comunidade que fale uma determinada língua, pela herança, tradição, imitação, ele desenvolverá esta língua. Sempre haverá diferenças que justificarão que um indivíduo tenha um repertório linguístico diferente de outro que, de repente, estuda na mesma escola ou frequenta a mesma igreja. Tais diferenças estão ligadas à família que recebe primeiro esse membro da comunidade, aos ensinamentos que teve, ao fato de ser ou não letrado, às condições sociais e econômicas a que foi exposto.

Tudo isto corrobora para que o dialeto seja formado e constitua diferenças relevantes não apenas com relação ao léxico, mas à pronúncia, por isso o falante é

¹⁵ It is evident that we are, all of us, contributing, through all our lives, to the change of our language, but neither do we from any direct consciousness of the process know this, nor could we, though our lives were at stake, tell how or in what respects we are altering the language we learned from our parents. To say all this, is, of course, only to repeat that the facts of language are facts of social, not of individual psychology. Could we definitely mark out the speaker who first spoke a given innovation [...] (BLOOMFIELD, 1914, p. 198-199).

limitado no que se refere à compreensão dos fonemas de outras línguas. Provém do costume de se estar familiarizado com os próprios fonemas, então quando um carioca ouve um goiano, há sempre um choque com relação à realização dos fonemas de cada um deles. Já que a recíproca é verdadeira, são os hábitos perceptivos que os levam a ter dificuldades para compreender os fonemas produzidos pelos outros.

Conforme Bloomfield (1914), este fator tem relação com a parte material da língua, com os hábitos linguísticos da comunidade que impedem que a compreensão seja efetivada em alguns casos. Há sempre variação de intensidade e tensão dos fonemas falados, há línguas em que a entonação é dada em cada frase ou sentença, já em outras, em cada palavra, como é o caso do português do Brasil, enfim, “[...] toda língua se limita a certos sons e a certas maneiras de combiná-los”¹⁶ (BLOOMFIELD, 1914, p. 53). Em suma, o que se depreende é que cada dialeto possui suas especificidades formadas a partir da contribuição individual.

Whitney (2010) apontou as diferenças linguísticas entre classes ao dizer que cada uma delas tem uma forma de falar que só será entendida por aqueles que participam daquele grupo específico, como a classe dos professores, médicos, carpinteiros e outros. Para ele, há, inclusive, diferenças quanto ao grau de instrução, porque os indivíduos cultos possuem uma forma de comunicação que aqueles sem instrução nem conseguem imitar.

Bloomfield (1933) definiu as principais formas complexas de fala em uma comunidade de língua inglesa, como o padrão literário, aquele usado da forma mais culta e formal de uma comunidade; o padrão coloquial, usado pela classe mais privilegiada; padrão provincial, o subpadrão, falado por pessoas de classe média baixa e o dialeto local. Essas subdivisões obedecem às diretrizes traçadas por Whitney (2010), quando se refere às diferenças na fala das pessoas, no que tange a um grupo de profissionais, idade, sexo, grau de instrução dos falantes.

O padrão literário é usado pelos indivíduos mais escolarizados, podendo ser atribuído àqueles com maior poder aquisitivo, já que podem estudar mais. Quanto ao padrão coloquial, é menos formal e não é visto com bons olhos pelos puristas brasileiros da língua, por se tratar de uma variante que pode ser acometida por alguns deslizes gramaticais, diferente daquilo que Bloomfield (1933) defendia.

¹⁶ “[...] every language limits itself to certain sounds and to certain ways of combining them” (BLOOMFIELD, 1914, p. 53).

O padrão provincial remete-se à variedade encontrada em cada um dos estados ou regiões brasileiros, uma variedade repleta de particularidades fonéticas, morfológicas, sintáticas e semânticas. Como disse Whitney (1884, p. 16), “poucos de nós podem escapar de adquirir em nossa juventude um pouco de dialeto local, de gíria característica de grau ou ocupação, de peculiaridades pessoais, até mesmo, pertencentes aos nossos iniciadores nos mistérios da fala”¹⁷. Nenhum dos falantes de uma determinada língua poderá se furtar de usar a variante subpadrão em algum momento da vida, tida como uma língua sem nenhum prestígio, falada por indivíduos sem nenhum grau de instrução. Em relação ao dialeto local, Bloomfield referia-se às especificidades de cada aldeia, de cada comunidade de fala.

Bloomfield chama a atenção para o fato de que uma língua em particular pode ser compartilhada por grupos de pessoas divididas entre si geográfica e politicamente, por exemplo, em estados-nação distintos. Por outro lado, uma língua falada dentro das fronteiras de um único estado-nação pode ter várias formas de acordo com as diferenças sociais e regionais que prevalecem (BURKE *et. al.*, 2003, p. 250)¹⁸.

A comunidade de fala, de acordo com Teeter (*apud* FOGHT, 1999), é o lugar em que a língua desenvolve seus estilos discursivos e dialetais, além dos discursos expressivos criados pela situação de fala como um discurso, uma aula, uma declamação poética. Por isso, alguns indivíduos da comunidade, que dominam melhor a língua, são considerados mais competentes para falar que outros. Portanto, na comunidade de fala haverá duas variantes linguísticas, uma de prestígio, como a língua literária, e outra sem nenhum prestígio, a língua dos não alfabetizados.

Conforme Whitney (2010, p. 169), “na linguagem popular, que é pouco exata, tentamos fazer distinções de grau e de importância por meio dessas mesmas palavras; enquanto reservamos à língua literária de um país o nome de língua, damos às suas formas inferiores o nome de dialeto”, porque sempre haverá uma forma de língua ou um dialeto que se destacará em virtude de outros considerados inferiores. A diferenciação entre língua e dialeto estabelecida por Whitney (2010) configura-se

¹⁷ “Not many of us can escape acquiring in our youth some tinge of local dialect, of slang characteristic of grade or occupation, of personal peculiarities, even, belonging to our initiators into the mysteries of speech” (WHITNEY, 1884, p. 16).

¹⁸ Bloomfield draws attention to the fact that one particular language may be shared by groups of people divided from each other geographically and politically, for exemple in distinct nation-states. On the other hand, a language spoken within the borders of a single nation-states may have a number of forms in accordance with the social and regional differences which prevail (BURKE *et. al.*, 2001, p. 250).

no modo como ele entendia e de acordo com as possibilidades de defini-los naquele momento.

Bloomfield concordou que a geografia dialetal oferecia a solução para vários problemas enfrentados pelos linguistas com relação à dialetologia. Os dialetos locais são importantes para as pesquisas linguísticas, bem como “[...] para o linguista, não apenas porque sua grande variedade lhe dá trabalho a fazer, mas porque a origem e a história dos tipos de fala padrão e popular só podem ser compreendidos à luz dos dialetos locais”¹⁹ (BLOOMFIELD, 1933, p. 50). O linguista precisa ter conhecimento sobre os dialetos bem como da autossuficiência linguística da nação e da predisposição de transmiti-la a seus membros.

A diversidade linguística foi amplamente discutida por Bloomfield em suas obras, mais atentamente na obra *Language* (1933), o manual de linguística, porque era uma preocupação dele que sempre lidou com as línguas de comunidades indígenas. Como Whitney tinha um trabalho sobre a dialeção ou variação linguística, Bloomfield continuou esse caminho aprimorando-o, fazendo-se ruptura conceitual. Ao mesmo tempo, é nítida a pressuposição feita de uma língua padrão que servia como fonte para as variações seguintes, para tanto exemplifica com a língua inglesa da Europa e da América.

A convenção cria as regras e, às vezes, atribui a certas formas, certos falantes, fazendo com que se perceba a nítida diferença entre a fala de uma pessoa do sexo masculino ou feminino. Ainda conforme Whitney (2010, p. 152), “é preciso caminhar, em matéria de usos linguísticos, junto com a sociedade à qual se pertence; quando aqueles que falam melhor uma língua mudam seus hábitos, aqueles que não se adéquam à mudança são considerados iletrados”. Quando Whitney (2010) disse que havia um grupo que fala melhor a língua, caracterizou-se uma subdivisão linguística pautada nas condições socioeconômicas dos indivíduos.

As mudanças linguísticas ocorrerão de uma forma ou outra, os membros da comunidade podem aceitá-las ou não, porque é “[...] a comunidade que faz e muda sua língua”, conforme Whitney (1884, p. 177). Com relação às mudanças, no primeiro caso, os hábitos serão transformados e tudo continuará seguindo seu curso, no

¹⁹ “The local dialects are of paramount importance to the linguist, not merely because their great variety gives him work to do, but because the origin and history of the standard and sub-standard types of speech can be understood only in the light of the local dialects” (BLOOMFIELD, 1933, p. 50).

segundo, as pessoas não acompanharão a mudança de hábito e estarão fora do padrão.

Essa não é a única variação linguística que pode ocorrer, existem outras além das línguas que podem ser impostas a uma comunidade ou algumas alterações que podem ocorrer para que os dialetos estejam vivos. Constitui-se um círculo vicioso de inovação por parte do indivíduo e resistência por parte da comunidade, porque a decisão de resistir ou não à variação é sempre dela. A comunidade tem o papel de conter o desenvolvimento desenfreado do dialeto.

O indivíduo, em sua singularidade, cria as inovações e coloca-as à disposição da comunidade, cada qual a seu modo contribui com essas inovações. Contudo, os indivíduos estão acostumados com a ideia de que não podem criar, porque devem obedecer àquela língua já imposta socialmente. Eles não se sentem capazes de criar uma língua própria e, por isso, seguem os padrões sugeridos, porque “[...] deve(m) falar como os outros, ou não será compreendido”²⁰, segundo Bloomfield (1914, p. 17).

O indivíduo não tem condições de avaliar o que seja particularmente seu ou da comunidade. Quer dizer que, de fato, o indivíduo não existe para a comunidade, uma vez que ela é soberana e o treina para realizar seus discursos desde a infância, então tudo se torna mecânico e inconsciente porque não se reconheceriam características específicas inseridas nele como as fonéticas ou gramaticais, de acordo com Bloomfield (1914).

Considerações finais

Tanto Whitney, precursor da linguística norte-americana, quanto Bloomfield, continuador dela, contribuíram sobremaneira para que se pudesse compreender o significado da língua para a sociedade/comunidade de fala. Também foi necessário pensar no papel exercido pelo falante que recebe e, por imitação, estabelece contiguidade com relação aos aprendizados linguísticos constituídos pela comunidade.

Bloomfield, por ser considerado o iniciador da linguística estrutural na América do Norte, destacou-se por ser, com relação à Whitney, continuidade conceitual, já que se encontram muitos conceitos similares entre os dois. Como os conceitos de língua,

²⁰ “[...] he must speak as the others do, or he will not be understood” (BLOOMFIELD, 1914, p. 17).

falante, sociedade e comunidade de fala que foram discutidos com a intenção de demonstrar justamente como Bloomfield afirma-se em decorrência de Whitney.

Já no que se refere à ruptura metodológica, Bloomfield, diferentemente de Whitney, dedicou-se à observação da língua viva em atividade entre os falantes de qualquer faixa etária da comunidade de fala e tendo como suporte a psicologia comportamentalista e behaviorista. Enquanto Whitney ocupou-se apenas da sala de aula, pois a intenção dele era provar a aquisição da linguagem nos primeiros anos de vida.

Os dois se assemelham porque tanto um quanto o outro escolheram a empiria como método de análise. Portanto, Whitney também estava preocupado com a língua falada pelo povo, mas para ele merecia explicação o fato de as crianças aprenderem a falar e continuarem com um sistema linguístico pré-existente, sem, contudo, alterá-lo de forma irreversível.

O falante é uma espécie de termômetro para que se saiba como a língua deve ou não ser tratada na comunidade de fala. Ele faz os acréscimos linguísticos, testa as inovações e em conjunto, ou seja, em comunidade, aceitam ou não as inovações ou admitem ou não as mudanças propiciadas a partir da engrenagem da própria língua, uma vez que tudo que se relaciona à língua não pode não estar vinculado àquilo que as próprias regras da língua admitem.

Enfim, o que vale ser ressaltado neste trabalho é o modo como Whitney e Bloomfield conduziram suas pesquisas alicerçadas pela observação de fatos linguísticos organizados pelo viés da língua e da sociedade/comunidade amparados pelos falantes que são os melhores usuários dela. Vale a pena ressaltar que a continuidade conceitual enfatiza a necessidade de se pensar numa linguística moderna pautada nesses vieses, e a ruptura metodológica produz um novo tipo de fazer pesquisa a partir daquilo que o pesquisador considera importante.

Referências

ALTMAN, C. **A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1998.

BLOOMFIELD, L. **An introduction to the study of language**. New York: Henry Holt and Company, 1914.

BLOOMFIELD, L. **Language**. Chicago e Londres: The University of Chicago Press, 1933.

HARRIS, Z. S. **Structural Linguistics**. 8ª ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1969.

HUMBOLDT, W. v. **Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad**. Trad. Ana Agud. Barcelona: Anthropos; Madrid: Ministerio de Educación y Ciencia, 1990.

MILANI, S. E. **Historiografia Linguística de Wilhelm von Humboldt: conceitos e métodos**. São Paulo: Paco Editorial, 2012.

MOULTON, W. G. Bloomfield as dialectologist (1987). *In*: FOUGHT, John (Org). **Leonard Bloomfield: critical assessments of leading linguistics**. Vol. III: Biographical sketches. USA and Canada: Routledge, 1999.

TEETER, K. V. Leonard Bloomfield's linguistics (1969). *In*: FOUGHT, John (org). **Leonard Bloomfield: critical assessments of leading linguistics**. Vol. III: Biographical sketches. USA and Canada: Routledge, 1999.

WHITNEY, W. D. **Language and the study of language: twelve lectures on the principles of linguistics science**. London: N. Trübner e CO, Ludgate Hill, 1884.

WHITNEY, W. D. **Life and growth of language: an outline of linguistic science**. New York: D. Appleton and Company, 1908.

WHITNEY, W. D. **A vida da linguagem**. São Paulo: Editora Vozes, 2010.

Recebido em 06 de abril de 2020
Aprovado em 15 de abril de 2020